

# Político e relações de poder: o atravessamento do discurso de ódio nas práticas discursivas de racismo

*Politics and power relations: the intersection of hate speech in the discursive practices of racism*

Márcia Regina de Souza<sup>1</sup>  
Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso

Natanael Vieira de Souza<sup>2</sup>  
Universidade do Estado de Mato Grosso

Recebido em: abril de 2024.  
Aprovado em: maio de 2024.

## Como citar este trabalho:

SOUZA, M. R. de; SOUZA, N. V. de. Político e relações de poder: o atravessamento do discurso de ódio nas práticas discursivas de racismo. **Traços de Linguagem**, v. 8, n. 2, 69-79, 2024.

♦ **RESUMO:** Neste estudo, inscrito na teoria da Análise de Discurso Materialista, objetivamos analisar as discursividades sobre o racismo na relação com os sentidos de ódio advindos do campo político e social, produzindo uma regularidade. O país, que se constitui por um imaginário de diversidade cultural e alegria de seu povo, passa a ser significado como um lugar cada vez mais hostil. Propomos um percurso teórico-analítico que nos possibilite compreender quais relações de poder sustentam e legitimam as manifestações públicas de racismo. E qual o movimento de sentidos que faz com que o racismo e o ódio saiam de um espaço de interdição para um espaço de exposição. Selecionamos como material de análise o vídeo em que uma mulher branca açoita um homem negro em uma via pública na cidade do Rio de Janeiro-RJ e teve grande repercussão nas mídias digitais, por acionar sentidos relativos ao período escravista brasileiro.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Discurso de ódio. Racismo. Violência.

♦ **ABSTRACT:** In this study, inscribed in the theory of Materialist Discourse Analysis, we aim to analyze the discourses on racism in relation to the senses of hatred arising from the political and social field, producing a regularity. The country, which is constituted by an imaginary of cultural diversity and the joy of its people, begins to be seen as an increasingly hostile place. We propose a theoretical-analytical path that allows us to understand which power relations sustain and legitimize public manifestations of racism. And what is the movement of meanings that makes racism and hatred move from a space of prohibition to a space of exposure. We selected as analysis material the video in which a white woman whips a black man on a public road in the city of Rio de Janeiro-RJ and had great repercussion in digital media, as it triggers meanings related to the Brazilian slavery period.

♦ **KEYWORDS:** Hate speech. Racism. Violence.

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Membro do Grupo de pesquisa GEPELCO, vinculado ao CNPq e ao projeto de pesquisa Gestão do social no/pelo Estado: os sentidos de (des)igualdade social em discursividades contemporâneas (FAPEMAT/UNEMAT). E-mail: [marcia\\_rsp@yahoo.com.br](mailto:marcia_rsp@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Membro do Grupo de pesquisa GEPELCO, vinculado ao CNPq e ao projeto de pesquisa Gestão do social no/pelo Estado: os sentidos de (des)igualdade social em discursividades contemporâneas (FAPEMAT/UNEMAT). E-mail: [natodesouza@hotmail.com](mailto:natodesouza@hotmail.com).

## Palavras iniciais

Elevador é quase um templo  
Exemplo pra minar teu sono  
Sai desse compromisso  
Não vai no de serviço  
Se o social tem dono, não vai  
Quem cede a vez não quer vitória  
Somos herança da memória  
Temos a cor da noite  
Filhos de todo açoite  
Fato real de nossa história  
Identidade (ARAGÃO, 1992)

Este texto escrito a quatro mãos é resultado de pesquisas realizadas por ambos os autores que produzem uma interface entre seus trabalhos de pesquisa. Souza (2018; 2022) pensando as discursividades sobre racismo a partir de diferentes materialidades significantes e, Souza (2021), refletindo sobre sentidos de resistência em tempos de bolsonarismo a partir das canções de Chico César.

Neste estudo, sob o viés teórico da Análise de Discurso materialista, objetivamos analisar as discursividades sobre o racismo na relação com os sentidos de ódio advindos do campo político e social, produzindo uma regularidade que vai na direção de que o país que se constitui por um imaginário de diversidade cultural e alegria de seu povo, passa a ser significado como um lugar cada vez mais hostil.

Chama-nos a atenção que, em uma via pública da cidade do Rio de Janeiro/RJ, à luz do dia, um trabalhador negro é açoitado por uma mulher branca, prática considerada por ela uma punição por uma desobediência do homem. A cena descrita poderia ser uma situação do período escravista brasileiro, mas trata-se um fato que ocorreu no dia 09 de abril de 2023, no bairro de São Conrado, na Zona Sul do Rio de Janeiro, conforme noticiado pelos sites de notícias UOL<sup>3</sup> e Brasil de Fato<sup>4</sup>.

O trabalhador é o motoboy Max Angelo dos Santos. A mulher é Sandra Mathias Correia de Sá. A “ordem” desobedecida é a de que um grupo de trabalhadores desocupasse a calçada em que estavam com suas motos. E a inquietação que a cena provoca é compreender o que faz com que “em pleno século XXI”, no ano de 2023, em uma via pública movimentada, à luz do dia, uma mulher branca se sinta autorizada a açoitar um homem negro, em seu local de trabalho, - tendo em vista que os fatos ocorreram em frente a uma base da plataforma de entregas em que os trabalhadores prestam serviços, na Estrada da Gávea - simplesmente por considerar que aquele não é o seu lugar.

Nosso *corpus* é constituído pelo vídeo gravado por uma pessoa que testemunhou o fato e foi reproduzido na reportagem do site UOL, acima mencionada, que mostra o momento em o homem está em cima de alguns degraus da calçada e a mulher o puxa para baixo pela camiseta. Nesse momento ele diz: “bate, bate”, e enquanto ela o puxa, desfere

<sup>3</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/10/mulher-e-acusada-de-lesao-corporal-por-bater-com-coleira-em-entregador.htm>. Acesso em 20 abr. 2023.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/04/12/quem-e-a-ex-jogadora-de-volei-que-chicoteou-motoboy-e-mordeu-perna-de-uma-entregadora-no-rio> e <https://www.brasildefatorj.com.br/2023/04/11/ela-me-tratou-como-se-eu-fosse-escravo-diz-entregador-agredido-por-moradora-de-sao-conrado>. Acesso em 20 abr. 2023.

um soco em sua cabeça. Começa um embate físico com ela tentando segurá-lo e ele tentando se soltar e ela cai no chão apoiada em um dos joelhos. Para se libertar, o homem a empurra e ela cai sentada. Em seguida, ela se levanta e vai em direção ao cachorro que está preso pela guia ao corrimão da escada.

Imagem 1



Fonte: UOL, 2023

Ela diz para o homem: “Peraí! Não vai embora não, filho da puta” e enquanto ela tira a guia do cachorro, ele questiona: “Vai me agredir? Vai me agredir? Vai me agredir? Tá me agredindo à toa”. Ela responde algo inaudível. Ele diz: “Seu ‘K.O’. não é comigo, não”. Ela pergunta: “Não é contigo não”? Em seguida começa a açoitar o homem com a guia que retirou do cachorro. O homem tenta se defender dos golpes, sem revidar às agressões e diz: “Tira a mão de mim, mulher”. Ela desfere alguns golpes e se afasta, nesse momento o vídeo se encerra. Também recorreremos aos textos das duas reportagens citadas, para compreendermos as condições de produção em que a prática motivada pelo racismo e pelo ódio ocorre.

Imagem 1



Fonte: UOL, 2023.

Para nossas análises, propomos um percurso teórico-analítico que nos possibilite compreender quais relações de poder sustentam e legitimam as manifestações públicas de racismo; em que ponto, discursividades racistas e discursividades de ódio se entrelaçam; qual o movimento de sentidos que faz com que o racismo e o ódio saiam de um espaço de interdição para um espaço de exposição.

## **Sentidos de ódio no Brasil**

O atual cenário político do Brasil tem sido palco para a disseminação de sentidos de ódio e intolerância. Há algum tempo as redes sociais, que produzem um imaginário de anonimato, são usadas em larga escala para espalhar mentiras e difamações sobre pessoas e grupos sociais que constituem o alvo de discursos de ódio, as chamadas “minorias”. São discursividades que circulam e disseminam o ódio e a violência contra grupos vulneráveis. O resultado disso é uma sociedade cada vez mais polarizada e intolerante. As pessoas estão se fechando em grupos que compartilham a mesma posição político-partidária e se recusando a dialogar com quem pensa diferente.

Trata-se de um efeito que se intensifica no campo político e reverbera no social, em especial, a partir do golpe de 2016 e o processo eleitoral de 2018, com a eleição de um governo de extrema direita, que ficou no poder até 2022. Sobre esse período, Souza (2021, p. 14) diz que:

A postura do presidente produz, como efeito, uma polarização que, no cenário político atual, tem exaltado os ânimos e produzido, tanto pelos que se identificam com o discurso do presidente quanto os que não se identificam, pois trata-se de um discurso de ódio, que se materializa nos enfrentamentos, tanto pessoais quanto virtuais, que tem tornado as ruas e as redes sociais em campo de batalha em que pesa o partidarismo, a tendência de ser de direita ou de esquerda, ou seja, uma disputa dada pelo registro do simbólico.

Essa disputa se constitui pelo político que produz a divisão dos sujeitos e dos sentidos, pois embora haja um efeito imaginário de que os sentidos sejam os mesmos para todos os sujeitos:

vivemos em uma sociedade que é estruturada pela divisão e por relações de poder que significam estas divisões. Como sujeitos e sentidos se constituem ao mesmo tempo não só os sujeitos são divididos entre si, como o sujeito é dividido em si. (ORLANDI, 2010b, p. 12).

Essa divisão se materializa pelo gesto simbólico dos sujeitos que manifestam seu ódio em relação ao outro, ao diferente, seja no espaço virtual ou fora dele. Há um funcionamento ideológico que produz nos sujeitos o imaginário de que as coisas só podem ser de uma forma e não de outra (Pêcheux, [1975] 2014). Esse imaginário sustenta a divisão pelo efeito de que só é possível existir sob a ótica dos grupos dominantes, assim, os sentidos de ódio são naturalizados e até incentivados por figuras públicas.

Mas é importante ressaltar que os sentidos de ódio que circulam em condições de produção atuais, não se constituem apenas pelo cenário político brasileiro contemporâneo, eles são atravessados por sentidos constituídos histórico-ideologicamente.

Quando pensamos em nossa constituição histórica, compreendemos que o ódio no Brasil remonta aos tempos da colonização, quando povos indígenas foram dizimados e a

escravidão foi instituída. Com o passar dos anos, a intolerância se manifestou de outras formas, como o racismo, a homofobia e a misoginia, etc.

Durante toda a história da humanidade encontramos registros de grupos se digladiando e cometendo atos bárbaros que materializam o ódio ao outro, ao diferente. O que há de novo em condições de produção atuais é que, o funcionamento do digital constitui o ambiente propício para a circulação de vozes diversas, produzindo o embate entre os grupos hegemônicos e as “minorias”, pois o mesmo espaço que possibilita as manifestações de intolerância, possibilitam a resistência de vozes antes silenciadas. Os grupos sociais antes invisibilizados adquirem notoriedade (SOUZA, 2022).

Em 2001, o assassinato de Galdino Jesus dos Santos (o índio Galdino), em uma rua de Brasília, chocou a todos os brasileiros. Galdino, depois de bater na porta de uma pensão e ser recusado, resolveu dormir na rua, entretanto, um grupo de jovens de classe média, achou que seria divertido atear fogo no indígena e, o fizeram<sup>5</sup>.

No século XVI, Thomas Hobbes (2014) já anunciava esta faceta da humanidade, do ódio que fazia com que todos se virassem contra todos, argumentava que a falta de um poder maior que moderasse as relações de uns com os outros, fazia com que grupos de humanos se voltassem contra os demais. No Brasil, em 2017, cinco séculos depois, vimos algo parecido acontecer quando no estado do Espírito Santo houve a greve dos policiais por melhores salários e condições dignas de trabalho. Com a paralização dos policiais, ou seja, com a ausência da força repressiva do Estado, em pouco tempo, houve uma onda de assaltos, assassinatos, estupros, roubos e invasões de propriedades<sup>6</sup>. Pessoas de todas as classes sociais eram vistas furtando lojas pela cidade e corroborando para o caos social.

Nas primeiras décadas do século XX, quando a elite brasileira ainda se lamentava pela libertação dos escravizados, muitas discursividades circularam na tentativa de amainar os sentidos de ódio no Brasil, seja ele de classes, de crenças e/ou de raça. Muitos destes sentidos eram mascarados por uma democracia racial<sup>7</sup> ou uma igualdade social imaginárias, que na prática nunca existiram.

Sergio Buarque de Holanda (1995) escreveu uma das grandes obras do século XX, o seu argumento foi que o povo brasileiro é um povo cordial. Dada esta argumentação, de que a cordialidade é um traço marcante da brasilidade, de que o povo brasileiro é um povo que age com o coração, significa dizer que até o nosso ódio é cordial, nós, brasileiros, temos uma capacidade imensa de odiar, mesmo que, por vez ou outra, algum relampejo civilizatório nos acometa, nos impedindo de nos manifestar odiosamente em público.

Entretanto, o cenário de polarização política atual produz um movimento que faz com que o ódio que se constitui histórico-ideologicamente contra as populações minorizadas saia do suposto anonimato das redes sociais e se materialize no social, saia do mundo virtual e se manifeste publicamente no mundo real. Um ódio que ultrapassa a disputa político-partidária e se amplia para outras direções, se espalhando por todo o tecido sociocultural, etário, de gênero e étnico-racial.

Uma das nuances da produção de sentidos de ódio, atualmente, é que na contramão do que disse Hobbes sobre a necessidade de um poder moderador, há uma figura de poder que o incentiva. De 2018 a 2022 a figura que ocupou o lugar de autoridade, de presidente do país, assim como seus apoiadores, se manifestavam e

<sup>5</sup> Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/foi-so-uma-brincadeira-o-assassinato-de-galdino-pataxo-queimado-vivo-enquanto-dormia-na-rua.html> - Acesso em: 28. nov. 2023.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/02/sem-policia-nas-ruas-es-tem-dia-de-roubos-saques-e-mortes.html> - Acesso em: 29. nov. 2023.

<sup>7</sup> Esta era a forma como vários intelectuais entendiam as dinâmicas sociais e culturais do Brasil da década de 1930. Uma das obras emblemáticas sobre o tema é: Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre.

continuam a se manifestar abertamente contra grupos minoritários. O movimento que se formou em apoio a essa figura continua a reverberar seus valores, assim, as manifestações de ódio que sempre foram reguladas por um certo controle social, por uma espécie de juízo moral, passam de um lugar de interdição a um lugar imaginário de legitimidade, que confere aos sujeitos o direito de expressar livremente seu ódio, seja de forma verbal, seja por violência física.

Recentemente o G1<sup>8</sup> noticiou um caso de etarismo, mostrando a hostilização de Patrícia Linares, a universitária que foi menosprezada em um vídeo, por três colegas de turma pelo fato de ter mais de 40 anos.

Sobre as questões de gênero no Brasil atual, de acordo com o levantamento, feito com base nos registros de Boletins de Ocorrência feitos pelas Polícias Cíveis dos estados e do Distrito Federal, houve crescimento dos casos de feminicídio e de estupro<sup>9</sup>.

A “Folha de São Paulo”<sup>10</sup> em seu *site* atualizou uma notícia no dia 20 de julho de 2023, relatando o aumento de 68% nos casos de racismo no Brasil. Os registros de crimes raciais nos estados brasileiros ainda são pouco transparentes, instáveis e expõem a má produção das informações, o que pode impactar nas políticas públicas de segurança.

Esta é apenas uma breve descrição das condições de produção da constituição e circulação de sentidos de ódio no Brasil atual. A recorrência de casos como estes produz um efeito de naturalização e banalização dos sentidos. Compreendemos que as manifestações públicas de ódio e racismo são constituídas por uma rede de sentidos filiados a uma formação ideológica preconceituosa, conservadora, racista, entre outras que, mesmo dissimuladas sob a máscara da cordialidade, sempre estiveram presentes. Partindo da análise teórico-analítica do recorte por nós selecionado, esperamos contribuir para que outras vozes possam ser ouvidas e, sobretudo, encontrar respaldo nas políticas sociais que prezam pela justiça.

## Gestos de análise

Trazendo essas reflexões mais para o campo discursivo, recorreremos às análises de Daltoé e Silva (2022, p. 37) que em uma interface entre Análise de Discurso e Psicanálise, compreendem os discursos de ódio na relação com a angústia, “uma angústia em relação ao que é diferente de mim, que é negro, que é mulher, que é judeu, que é pobre, que é homossexual, que pensa diferente”. Para as autoras há um funcionamento da ordem do psíquico que produz a repulsa pelo diferente, pelo que não reconhecemos como sujeito e esse funcionamento interessa não só à psicanálise, mas para o campo político que, como ressaltam as autoras, se beneficiam disso para a quebra do laço social.

Cornelius Castoriadis argumenta que ódio está estritamente ligado ao sentimento produzido pelo racismo: “trata-se da aparente incapacidade de se constituir como si mesmo, sem excluir o outro; em seguida, da aparente incapacidade de excluir o outro sem desvalorizá-lo, chegando, finalmente, a odiá-lo” (CASTORIADIS, 1992, p. 32).

A concepção de ódio tratada aqui é, portanto, uma questão também de alteridade. O discurso de ódio, como uma “prática social”, define “a constituição histórica de um sujeito de conhecimento”, especialmente porque “o discurso é esse conjunto regular de

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2023/03/15/apos-caso-de-etarismo-universitarios-com-mais-de-40-anos-criam-corrente-do-bem-e-viralizam-na-web.ghtml> - Acesso em: 28. nov. 2023.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/14/crescimento-de-feminicidios-e-estupros-em-2023-reflete-queda-de-investimentos-em-governos-anteriores-diz-pesquisadora> - Acesso em: 29. nov. 2023.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/casos-de-racismo-no-brasil-aumentaram-68-em-2022-mostra-levantamento.shtml> - Acesso em: 29. nov. 2023.

fatos linguísticos em determinado nível, e polêmicos e estratégicos em outro” (FOUCAULT, 2005, p. 9).

Para compreendermos o funcionamento dos sentidos de racismo, nos ancoramos em Orlandi (2017, p. 94) que define o preconceito como “uma discursividade, que circula sem sustentação em condições reais, mantida por um imaginário atravessado por um poder dizer que silencia sentidos na base do próprio processo de significação”. Conforme a autora explica, os sentidos podem sempre se deslocar e significar diferentemente em diferentes condições de produção. Mas há relações de força e poder que regulam a sociedade e produzem diferentes direções para esses sentidos fazendo com que as diferenças sejam significadas a partir do imaginário que se constitui regulado pelas relações sociais e de poder, constituindo hierarquias.

Com base na constituição histórica do Brasil, pautado em padrões eurocêntricos e, em especial nas consequências sociais provocadas aos negros pela escravidão que, mesmo 136 anos depois, continua produzindo sentidos e provocando uma divisão entre brancos e não brancos (SOUZA, 2018), compreendemos que é nesse ponto que ódio e racismo se entrelaçam, pois em um país que socialmente privilegia uma determinada elite composta por pessoas brancas, em sua maioria de classe média, o negro, em especial o pobre, configura esse outro, esse diferente, esse sujeito que está fora do padrão socialmente estabelecido como aceitável, ou, por vezes, nem é lido como sujeito. É nessa perspectiva que compreendemos que as práticas de racismo são atravessadas pelo discurso de ódio.

### **“Ela me tratou como se eu fosse escravo”**

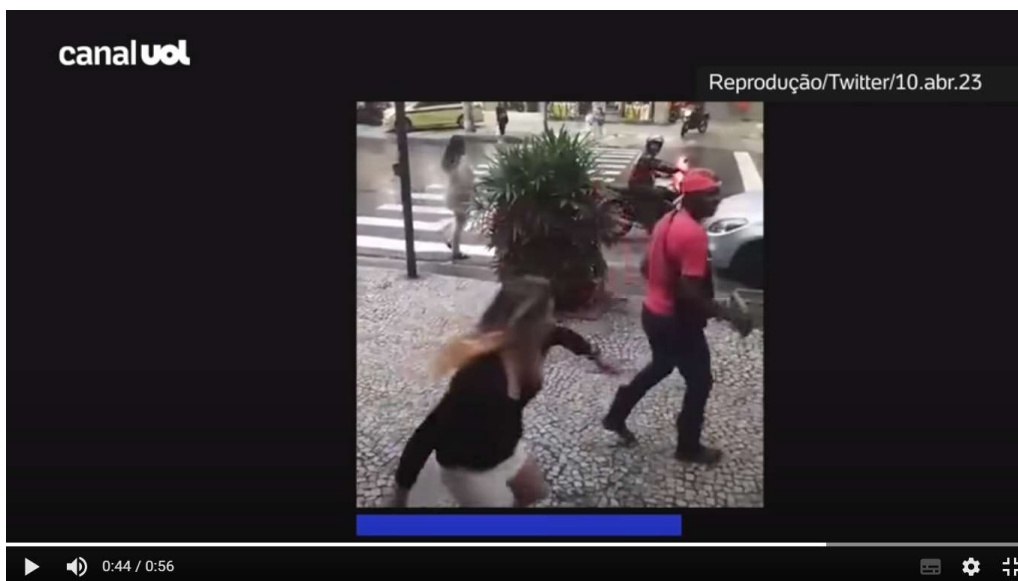
O enunciado “Ela me tratou como se eu fosse escravo” foi dito por Max Ângelo, vítima das “chicotadas” desferidas por Sandra (BRASIL DE FATO, 2023). As imagens que foram filmadas do momento da agressão e viralizaram nas mídias sociais, configuram um recorte dos fatos que, vistos da perspectiva da Análise de Discurso, constituem um acontecimento (PÊCHEUX, [1983] 2015), um gesto de uma mulher branca que ao “chicotear” um homem negro, expõe o caráter racista de seu ato sustentado na memória de um país escravocrata, em que brancos e negros ocupam posições sociais hierarquicamente distintas, estando os brancos em posição de superioridade, autorizados a aplicar corretivos aos negros, quando estes os desobedecem.

É importante para a nossa análise toda a descrição que a página do site UOL<sup>11</sup> faz ao noticiar o episódio. Depois de puxar a camisa e dar golpes tentando atingir o entregador, Sandra pega a guia da coleira do cachorro e dá uma chicotada nas costas dele. As palavras de Max foram, “Eu me senti muito mal, porque pareceu que ela tava dando chicotada num escravo. O escravo não fez um serviço direito, ela foi lá e deu chicotada nele. Me senti muito humilhado”. Tudo isto ocorreu na calçada em que os entregadores retiram pedidos para realizarem suas entregas.

Ainda segundo o site, “Max relata que foi a segunda vez que a mulher agrediu o grupo. Antes, na segunda-feira (3), a ex-jogadora de vôlei também mandou eles voltarem para a favela e os chamou de ‘lixo’”.

### Imagem 3

<sup>11</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/11/agressora-racismo-sao-conrado-prima.htm>. Acesso em: 20 abr. 2023.



Fonte: UOL, 2023

O gesto da mulher branca de tirar a guia do cachorro e utilizá-la para açoitar o homem negro permite que o racismo saia da condição velada em que se produz no Brasil, tornando-se visível, tangível, perceptível e questionável.

Como abordamos em trabalho anterior (SOUZA, 2018), há uma divisão imaginária que separa brancos e negros socialmente, que estabelece uma fronteira entre o lugar do branco (Zona Sul do Rio de Janeiro) e o lugar do negro (favela). Ao tentar expulsar os trabalhadores da calçada, a mulher o faz inscrita em uma formação discursiva que não só significa aquela calçada, aquela rua, aquele bairro, aquela cidade como um lugar de brancos, como lhe confere autoridade para determinar quem pode ou não permanecer ali, considerando que a formação discursiva é “o que pode e deve ser dito” em uma formação ideológica dada, a partir de uma determinada posição (PÊCHEUX [1975] 2014, p. 147).

Orlandi (2017, p. 96) compreende que o preconceito é da ordem do silenciamento local, uma forma de censura e:

No caso do racismo, o que está censurado, silenciado é que a cor é parte do processo de individuação do sujeito pelo Estado, e de tal modo que, pela divisão social de sujeitos e sentidos produzida pelo político, a cor negra é estigmatizada: “não é para ser negro”.

Em relação ao nosso objeto, a cor marca o lugar de não pertencimento, não é permitido a pessoas negras se exporem em vias públicas em um espaço imaginariamente destinado aos brancos. Não é para ser negro, não é para ocupar a calçada, não é para desobedecer a uma pessoa branca.

No período escravista, chicotear um escravizado demonstrava uma relação de poder pautada não só em práticas culturais da época, como no regime econômico que constituía a relação entre senhor e escravizado como uma relação de proprietário e propriedade, portanto, ainda que possamos interpretar que havia um atravessamento de sentidos de ódio naquele gesto, uma vez que era direcionado a pessoas consideradas inferiores e indignas de direitos, são condições de produção distintas, logo, sentidos distintos.

Na cena atual, juridicamente, estamos falando de sujeitos “iguais perante a lei”, com os mesmos direitos de ir e vir, de ocupar os espaços públicos, mas, em alguma



medida, uma mulher branca se sente autorizada a açoitá-lo um homem negro desconhecido, que está no seu local de trabalho, pelo fato de não concordar que ele ocupe um espaço público no qual ela circula, porque a sua cor de pele e a sua condição social a incomodam. É um gesto de racismo sustentado pelas condições de produção da polarização política atual ao mesmo tempo em que é atravessado pela memória da escravidão.

Retomando a epígrafe que citamos no início do nosso texto, o elevador se constitui histórico-ideologicamente como um espaço simbólico da divisão entre brancos e negros, entre ricos e pobres, entre quem está autorizado a usar o elevador social e quem está relegado a usar o elevador de serviço. Hoje temos leis que proíbem a distinção entre os elevadores, o que produz um imaginário de igualdade de direitos, de combate à discriminação, mas, por ser a ideologia um ritual com falhas (PÊCHEUX, [1975] 2014), os sentidos sempre escapam, e a divisão social passa a ser significada por outros espaços, como as calçadas, por exemplo.

Enquanto escrevamos este texto, novos casos de racismo e violência contra entregadores ocorreram, como “Motoboy negro é algemado e levado à delegacia após ser ferido com faca”<sup>12</sup>, ou “Entregador é baleado por PM que se recusou a buscar pedido na portaria na Zona Oeste do Rio”<sup>13</sup>, para citarmos apenas dois. É possível observarmos uma recorrência de sentidos que significam estes sujeitos como meros serviçais para entrega de comida ou outros produtos, mas indignos de compartilhar os mesmos espaços de sociabilidade, isto é, são sujeitos que só podem existir na posição de subalternidade. Assim, compreendemos não ser apenas coincidência o fato de nos três casos aqui citados, os entregadores agredidos serem negros.

## Considerações Finais

O gesto de racismo aqui analisado se dá fora do digital, mas é significado a partir de uma discursividade digital, ao circular em mídias virtuais. A exposição pública de um suplício que antes era restrito à praça de uma cidade no pelourinho, ganha uma dimensão mundial a partir do momento em que as postagens são expostas na internet em *sites* com visibilidade pública. É claro que não se trata da mesma forma de suplício que era praticado no *ancien régime*, que segundo Foucault (1984, p. 34), é uma “Pena corporal, dolorosa, mais ou menos atroz [dizia Jaucourt]; e acrescentava: é um fenômeno inexplicável a extensão da imaginação dos homens para a barbárie e a crueldade”.

Neste caso específico, o que compreendemos como suplício no século XXI diz respeito a uma nova forma de praticá-lo na contemporaneidade, pois se aquela forma de punição incidia apenas sobre o corpo em tempos pretéritos, na atualidade incide, também, sobre a alma do sujeito. Max, além de ter seu corpo esmurrado e “chicoteado” com a guia do cachorro, teve a sua humanidade questionada, pois a agressora o considerou como lixo e, como tal, deve se restringir a outro espaço, visto que segundo seu dizer, o lugar de lixo é na favela.

Notamos que o ódio manifestado no discurso do sujeito agressor (Sandra), não se restringe apenas ao sujeito agredido (Max) e aos outros sujeitos que estavam ao seu redor (seus colegas de trabalho), existe ainda, a discriminação geográfica com a favela que no imaginário social do sujeito enunciador é lugar de lixo, de pobre e de preto, de subalterno. O meio digital, ao mesmo tempo que oportuniza a ilusão de anonimato para muitos que

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/motoboy-negro-e-algemado-e-levado-a-delegacia-apos-ser-ferido-com-faca-assista-1.3332706>. Acesso em: 17 mar.2024.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/03/05/entregador-baleado-zona-oeste.ghtml>. Acesso em: 17 mar.2024.

disseminam o ódio nas redes virtuais, também revela o quanto o Brasil ainda tem de conservadorismo, racismo e discriminação, pois fatos como estes não são isolados e constituem uma recorrência em nosso país.

## REFERÊNCIAS

**Agressora de entregador no Rio afirmou ser prima de governador, que nega.** *In:* UOL. 11 abr. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/11/agressora-racismo-sao-conrado-prima.htm?cmpid=copiaecola>.

Acesso em: 20 abr. 2023.

ARAGÃO, Jorge. **Identidade.** *In:* Chorando Estrelas. São Paulo: RGE, 1992. Faixa B5. Disco de vinil.

ARPINI, Naiara. **Sem polícia nas ruas, ES tem dia de roubos, saques e mortes.** *In:* Portal G1. 29 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/02/sem-policia-nas-ruas-es-tem-dia-de-roubos-saques-e-mortes.html>.

Acesso em: 29 nov. 2023.

AUGUSTO, Francini *et al.* **Entregador é baleado por PM que se recusou a buscar pedido na portaria na Zona Oeste do Rio.** *In:* Portal G1. 17 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/03/05/entregador-baleado-zona-oeste.ghtml>. Acesso em: 17 mar. 2024.

CAMPEZZI, Heytor. **Após caso de etarismo, universitários com mais de 40 anos criam 'corrente do bem' e viralizam na web.** *In:* Portal G1. 28 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2023/03/15/apos-caso-de-etarismo-universitarios-com-mais-de-40-anos-criam-corrente-do-bem-e-viralizam-na-web.ghtml>.

Acesso em: 28 nov. 2023.

**Casos de racismo no Brasil aumentaram 68% em 2022 mostra levantamento.** *In:* Folha de São Paulo. 29 nov. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/casos-de-racismo-no-brasil-aumentaram-68-em-2022-mostra-levantamento.shtml>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CASTORIADIS, Castoriadis. **O mundo fragmentado** – as encruzilhadas do labirinto 3. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

**Crescimento de feminicídios e estupros em 2023 reflete queda de investimentos em governos anteriores, diz pesquisadora.** *In:* Brasil de Fato. 29 nov. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/14/crescimento-de-feminicidios-e-estupros-em-2023-reflete-queda-de-investimentos-em-governos-anteriores-diz-pesquisadora>.

Acesso em: 29 nov. 2023.

DALTOÉ, Andréia da Silva; SILVA, Dâmaris de Oliveira Batista da. **O esgarçamento do laço social:** o cheiro que afeta. Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras, v. 18, n.1 p. 31-45 jan./jun. 2022.

**“Ela me tratou como se eu fosse escravo”, diz entregador agredido por moradora de São Conrado.** *In:* Brasil de Fato. 12 abr. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2023/04/11/ela-me-tratou-como-se-eu-fose-escravo-diz-entregador-agredido-por-moradora-de-sao-conrado>. Acesso em: 20 abr. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Editora Nau, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão** / Michel Foucault; trad. Ligia M. Pondé Vassallo.- 3.<sup>a</sup> ed.- Petrópolis : Vozes, 1984.- 277 p. ; 21 cm. Título do original francês: "Surveiller et punir".

**Galdino Pataxó: O que aconteceu com os jovens que atearam fogo no líder indígena, há 25 anos.** *In:* O Globo. 28 nov. 2023. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/foi-so-uma-brincadeira-o-assassinato-de-galdino-pataxo-queimado-vivo-enquanto-dormia-na-rua.html>. Acesso em: 28 nov. 2023.

FERREIRA, Lola. **Agressora de entregador no Rio afirmou ser prima de governador, que nega.** 20 abr. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/11/agressora-racismo-sao-conrado-prima.htm>. Acesso em: 20 abr. 2023.

**Motoboy negro é algemado e levado à delegacia após ser ferido com faca.** *In:* Portal o Tempo. 17 mar. 2014. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/motoboy-negro-e-algemado-e-levado-a-delegacia-apos-ser-ferido-com-faca-assista-1.3332706>. Acesso em: 17 mar. 2014.

**Mulher bate em entregadores no Rio e chega a usar coleira em agressões.** *In:* UOL. 10 abr. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/10/mulher-e-acusada-de-lesao-corporal-por-bater-com-coleira-em-entregador.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos.** – 4 ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Eu, Tu, Ele: Discurso e Real da História.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

PECHÊUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução: Eni Puccinelli Orlandi [et al]. 5 ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1975] 2014.

PECHÊUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, [1983] 2015.

SOUZA, Márcia Regina de. **Discursividades sobre o negro no espaço acadêmico.** 2018. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2018.

SOUZA, Márcia Regina de. **Discursividades sobre os negros nos meios publicitários: divisão dos sujeitos e dos sentidos.** 2022. Tese (Doutorado Acadêmico em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2022.

SOUZA, Natanael Vieira de. **Gestos de resistência nas canções de Chico César em tempos de pandemia e bolsonarismo: uma análise discursiva.** Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2021.

**Quem é a ex-jogadora de vôlei que chicoteou motoboy e mordeu perna de uma entregadora no Rio.** *In:* Brasil de Fato. 12 abr. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/04/12/quem-e-a-ex-jogadora-de-volei-que-chicoteou-motoboy-e-mordeu-perna-de-uma-entregadora-no-rio>. Acesso em: 20 abr. 2023.